

SOY LATINO-AMERICANO E NUNCA ME ENGAÑO: A REPRESENTAÇÃO DO IMAGINÁRIO GEOGRÁFICO NAS LETRAS DE CANÇÕES DA/SOBRE A AMÉRICA LATINA

ALEX CAVALHEIRO MOREIRA¹; CESAR AUGUSTO FERRARI MARTINEZ²

¹Universidade Federal de Pelotas – alexcavalheiro44@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - cesarfmartinez@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Como um país latino-americano, somos muito afetados pela colonização de nossas terras, nossos corpos e mentes. Isso pode gerar uma crença de falsa superioridade por parte de brasileiros, em relação à América Latina e uma ausência de identificação com nossas raízes, ao passo que nos sentimos inferiores em relação aos colonizadores europeus. Em decorrência disso, é de grande potencial o debate sobre a decolonização do saber e do fazer geográfico no Brasil, e a prática decolonial presente em aspectos artísticos, que quando analisados a partir da letra de canções latinas, contribuem de maneira assertiva para a emancipação do corpo como existência. Fazendo com que possa ser efetivado uma decolonização do espaço geográfico. Por isso, neste trabalho serão analisadas letras de canções latino-americanas que abordam o imaginário espacial latino-americano. Na intenção de ampliar as perspectivas sobre a produção do espaço, e além disso pontuar o que pode ser observado e analisado pela Geografia, além de contribuir para o desenvolvimento de uma Geografia a partir do sul global.

O objetivo geral desta pesquisa consiste em reconhecer discursos geopolíticos nas letras de canções sobre a América Latina. Na busca de compreender como essa perspectiva de América é promovida no espaço geográfico, e contribui para a constituição de nossa identidade. Auxiliando na tentativa de rompimento com a colonização cultural, corporal e mental. Se somando a um grande acervo de trabalhos que buscam destacar a América Latina como centro da produção intelectual e não como periferia mundial. A partir de trabalhos como de Mignolo, Quijano, Paulo Freire e muitos outros teóricos que tecem e já teceram suas contribuições acerca desta temática.

Pensar o espaço da América Latina, impele pensar o processo de construção espacial, as delimitações dessas fronteiras que remontam o período colonial e apresentam a organização do território como hoje o conhecemos, inclusive no que tange a nomenclatura adotada para o território. Conforme Raposo (2018) “[...] conceitos podem ter significados variados, de acordo com a época e contexto em que são reproduzidos.” (p. 23) No entanto, o ser/viver neste local que é organizado e produzido a partir de percepções coloniais produz uma necessidade de compreender como essa experiência é percebida no campo subjetivo e como a Geografia se manifesta nessas relações.

A composição territorial desta América é mais antiga que a própria colonização, mas a percepção que temos sobre ela é elaborada a partir de discursos que possuem diversas dimensões e foram elaborados fora daqui, e formam nossos conhecimentos sobre este território. Ou melhor dizendo, percepções estereotipadas criadas ao longo da história para dar ao povo latino características, em campos internacionais, mas que divergem com o ser

latino-americano na prática. Ainda refletindo com Raposo (2018) é possível afirmar que

Daí a conclusão de que o conceito de América Latina foi inventado não pelos latino-americanos, mas por estrangeiros, sobretudo vindos do continente europeu. Posteriormente, o conceito de América Latina passa a assumir um sentido de resistência ao fortalecimento dos EUA como país intervencionista na região, o que veio a ser uma percepção de América Latina forjada pelos próprios latino-americanos. (2018, p. 23)

O espaço imaginado é o que de mais caro podemos extrair dessas canções, a partir delas é possível construir uma percepção e ideia de espaço latino-americano que em muito pode contribuir para nosso processo de compreensão espacial. A ideia de que a percepção espacial é subjetiva vai totalmente de encontro com a possibilidade de cada pessoa poder imaginar um espaço latino a partir de suas experiências e referências que são carregadas consigo ao longo da vida. Algo que pode ser extraído a partir da relação existente entre a geopolítica presente nos discursos e a capacidade de cada pessoa imaginar o espaço dentro do que ele é e do que pode ser.

É necessário refletir de que forma uma canção pode auxiliar na compreensão e análise de um recorte espacial. Para Pereira (2016, p. 92), “[a] linguagem e a canção são expressões culturais, produzidas pelo homem com poder de comunicar, ler e interpretar o mundo.” A arte tem a capacidade de registrar e grafar um momento histórico através de suas práticas, nesse caso quero dar ênfase para a capacidade das canções de imprimir distintas realidades sobre o mesmo espaço em diferentes contextos históricos, promovendo o que chamarei aqui de imaginário espacial, ou seja, uma ideia de espaço elaborada a partir do contato com os discursos empregados em determinadas canções que alimentam a imaginação sobre o espaço.

2. METODOLOGIA

Na tentativa de compreender de que forma as manifestações espaciais veiculadas pela música compõe e identificam a América Latina, e buscando analisar de que forma tais manifestações contribuem para o processo de decolonização do fazer geográfico no Sul global, este trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa através de análise crítica dos discursos presentes nas letras das canções. Essa iniciativa busca se somar a uma grande quantidade de trabalhos que promovem o processo mencionado na Geografia brasileira.

Assim sendo, para tal reflexão serão analisadas músicas que manifestam em sua literatura o sentimento de ser e viver na América. Tais canções promovem e sinalizam o espaço como base para a compreensão da mensagem, e sua análise será feita através de minuciosa compreensão sobre os discursos geopolíticos presentes nestas canções. As etapas desta análise consistem na seleção das canções, identificação dos discursos que promovem o imaginário espacial e geopolítico, contextualização histórica e geográfica, agrupamento das abordagens e síntese da pesquisa.

Serão analisadas dez canções que carregam em seus discursos perspectivas que montam o imaginário da América Latina, e de forma direta

promovem a construção de uma ideia de nação, que aparece como uma forma de identificação e resistência frente a tentativas de supressão do ser latino-americano. Neste resumo o objeto são duas canções mencionadas na seção que segue, na busca de identificar os seus discursos geopolíticos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Serão analisadas duas canções que carregam distintas ideias do ser e viver na América Latina. Esses discursos carregam diferentes visões acerca do espaço. Isso possibilita uma reflexão aprofundada sobre a visão espacial que podemos construir a partir da arte, neste caso com o foco nos discursos geopolíticos empregados nessas canções.

Assim, em primeiro momento quero debater sobre a música “Soy Latino Americano” composta e interpretada por Zé Rodrix, a canção foi lançada em 1972, neste aspecto, a canção pode ser entendida como uma elaboração crítica sobre uma visão colonizadora acerca do que é ser Latino Americano quanto à essência. Ao longo de toda a construção do discurso, o compositor deixa explícito a grande linha tênue entre ter que trabalhar e o sentimento por trás disso. A canção poderia parecer um retrato do sentimento de muitas pessoas, mas aqui precisamos ir além. E compreender todos os aspectos que estão impressos no discurso. Quando o compositor diz “Chego sempre atrasado, mas eu não corro perigo quem devia dar o exemplo, chega atrasado comigo[...]” revela uma ideia impregnada dentro das relações de trabalho voltadas para a irresponsabilidade, em que nem mesmo a pessoa em cargo superior cumpre o horário determinado. Isso pode contribuir para uma visão estereotipada acerca do trabalhador, ao mesmo tempo que tece uma crítica à visão externa sobre as relações de trabalho na América Latina.

O mesmo acontece quando ele diz “Não acordo muito cedo, mas não fico preocupado” logo no início da canção. Tudo isso demonstra uma designação essencialista, já que aqui entendemos que a arte tem a capacidade de montar esse imaginário espacial. Por conseguinte, ao dizer “Soy Latino Americano e nunca me engano” o autor faz uma associação entre espanhol e português, promovendo a aproximação entre Brasil e os outros países da América. Pois existe no imaginário um distanciamento a partir do idioma, sendo o Brasil o único país da América Latina com o português como idioma oficial. Isto constrói uma aproximação espacial e gera identificação com as outras porções espaciais do continente, fazendo com que não só brasileiros possam perceber as mensagens do discurso, mas também os povos de outros países. Além do que quero mencionar rapidamente, a afirmação de ser Latino Americano, que muitas vezes é esquecido no reconhecimento espacial dos brasileiros.

Indo para outro lado, e mostrando a América Latina como um espaço de resistência e luta, temos a canção Latinoamerica da banda porto-riquenha Calle 13, que constrói um discurso e visão de espaço que promove uma outra imaginação espacial. De forma direta, ao promover a união de artistas de vários países da América Latina a banda promove uma aproximação entre os países, tal qual a primeira canção mencionada. Algumas das partes do discurso que promove esse imaginário diz “Soy America Latina, un pueblo sin piernas pero que camina” expondo a fragilidade que os reflexos da exploração e da colonização deixaram em todos os países latinos, que podem ser percebidas de forma muito objetiva por quem possui essa vivência. Neste mesmo sentido, ao analisar “Não se pode comprar o vento, não se pode comprar sol” denunciam o fato de que

mesmo sendo um espaço altamente vendido e explorado ao longo da história, as riquezas naturais não podem ser comercializadas. E nesse momento, assim como na primeira canção, fazem uma associação entre português e espanhol.

“Aquí se respira lucha” é uma pequena frase da canção que expõe toda a construção espacial Latino Americano que é baseada na luta e na necessidade dos povos de resistir às muitas imposições externas feitas ao longo da história. Além dos reflexos do processo de colonização que deixaram marcas que até hoje precisamos lutar para que as futuras gerações possam ter outras perspectivas acerca do espaço.

Assim sendo, o principal resultado para ser debatido aqui é a capacidade de canções que, com o mesmo foco - América Latina - podem denunciar e expor diferentes ideias sobre o espaço. Isso demonstra que as vivências e o contexto da pessoa que produz um discurso nesse sentido, é inato à sua elaboração. Expondo as distintas vivências que se observam no espaço e montam a percepção que podemos ter a partir do contato com as canções que fomentam nosso imaginário e curiosidade espacial.

4. CONCLUSÕES

Essas análises têm a capacidade de tecer novas configurações para a percepção histórica e geográfica do espaço latino-americano. Ao refletir com os discursos e a Geografia presente nele, podemos produzir um espaço imaginado que, ao passo que é subjetivo, traz à tona a necessidade de marcar a América Latina como berço para a produção artística desde e sobre este espaço. Percebendo as canções como catalisadores para uma união da América Latina, ao entender como esses discursos fazem a manutenção nas relações de poder, que por sua vez, afirmam o processo colonial. Por isso, analisá-las e criticá-las é um passo fundamental para o rompimento com as relações coloniais que se impõe em nosso espaço, corpos, arte e, logo, para a decolonização.

As canções analisadas neste texto, divergem no sentido de que uma prevê um espaço essencialista da América Latina, enquanto na canção do Calle 13 observamos um discurso mais voltado para a criticidade e mobilização. Por outro lado, ambas promovem o mesmo imaginário de aproximação e união dos países da América ao usar artefatos que aproximam os países como a linguagem e o relato do cotidiano espacial. Com isso, mesmo sendo canções de épocas, estilos e vertentes diferentes, ambas convergem na intenção de integrar espacialmente a América Latina. Imaginar um espaço, requer conhecimento e as canções têm a grande capacidade de evidenciar o que determinada sociedade manifesta e reproduz espacialmente no campo geopolítico e pessoal.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- PEREIRA, Carolina Machado Rocha Busch. **Geografias de mundo reveladas nas canções de Chico Buarque**. Palmas, TO. EDUFT, 2016, 186 p.
- RAPOSO Philippe Carvalho A invenção da América do Sul: a construção de uma comunidade imaginada – 2018. 151 f. Dissertação (mestrado) – **Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas**, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais.